

1

Examine a tirinha.



Laerte, *in*: Manual do Minotauro.

- De que maneira o terceiro quadrinho contribui para a construção do humor da tirinha?
- A que contexto se relaciona o último enunciado da tirinha? Justifique.

### Resolução

- O terceiro quadrinho apresenta cavalos galopando, imagem inesperada, considerando-se que a palavra, em fundo negro, que aparece nos dois quadrinhos iniciais é “protocolo”. Porém, o efeito de quebra de expectativa explica a palavra “protocolo”, que é usada como onomatopeia, reproduzindo o som do galope, no lugar do já conhecido pocotó, pocotó, pocotó.
- O último quadrinho faz referência ao serviço prestado por uma central de atendimento eletrônico, ao introduzir um exemplo de frases usadas nesse tipo de serviço (“se quiser que repita, teclé 2”). Nota-se uma crítica à vida burocratizada, que submete o indivíduo a ações mecânicas e repetitivas, metaforizadas pelo galope dos cavalos.

Examine o anúncio e leia o texto.

I.



Ministério Público do Trabalho

II. **Art. 149** – *Reduzir alguém a condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto:*

*Pena – reclusão, de dois a oito anos, e multa, além da pena correspondente à violência.*

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.803.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.803.htm)

- Explique a relação de sentido entre os trechos (I) “Escravidão no Brasil não é analogia” e (II) “Reduzir alguém a condição análoga à de escravo”.
- Qual a relação entre o uso da imagem sobre um fundo escuro e o texto do anúncio?

#### Resolução

- A palavra *analogia* significa “semelhante a”, portanto a relação de sentido entre a imagem e o artigo 149 do código penal é que ambos se referem ao trabalho escravo, que não se extinguiu em 1888, com a abolição da escravidão negra, mas se mantém até hoje nos trabalhos forçados a que se submetem imigrantes, trabalhadores rurais, mulheres induzidas à prostituição, entre outros.
- O fundo escuro da imagem faz referência à escravidão negra. No entanto, a imagem das mãos brancas atadas por uma corda denuncia a escravidão atual (“é realidade”), que não tem cor, indo além da condição histórica do negro.

Considere os textos para responder à questão.

I. *A tônica é que os pequenos jogadores da equipe de futebol Javalis Selvagens estão tranquilos e até confortáveis, bem cuidados na caverna pela numerosa equipe internacional que tenta retirá-los dali, e que têm muita vontade de voltar a comer seus pratos favoritos quando voltarem para casa.*

[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/07/internacional/1530941588\\_246806.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/07/internacional/1530941588_246806.html). Adaptado.

II. *Bem, minha vida mudou muito nos últimos dois anos. O mundo que explorei mudou muito. Eu vi muitas paisagens diferentes durante as turnês, e é realmente inspirador ver o quão grande é o mundo. Eu quero explorar e experimentar diferentes partes da natureza, mas eu não gosto do deserto, sinto muito pelas plantas! Ou talvez eu goste disso... te deixa com sede de olhar para ele...*

<http://portalauroabr.com/2018/09/16/eusoufeministaporquesoumulherdizauroraementrevistaaindependente/>



- a) Quanto ao sentido, a palavra “bem”, destacada nos três textos, desempenha a mesma função em cada um deles? Justifique.
- b) Reescreva o trecho “Eu quero explorar e experimentar diferentes partes da natureza, mas eu não gosto do deserto, sinto muito pelas plantas!”, empregando o discurso indireto e fazendo as adaptações necessárias. Comece o período conforme indicado na folha de respostas.

Ela disse que \_\_\_\_\_

### Resolução

- a) Não. No trecho I, a palavra “bem” exerce a função de advérbio que intensifica o adjetivo “cuidado”. No trecho II, funciona como interjeição, recurso fático, usado na linguagem coloquial apenas para manutenção do diálogo, equivalendo a *então, aí, olha*. No trecho III, funciona como vocativo, dirigindo-se a um destinatário, que é ironicamente chamado pelo termo afetivo “bem”.
- b) Ela disse que queria explorar e experimentar diferentes partes da natureza, mas que não gostava do deserto, sentia muito pelas plantas.  
Obs.: No enunciado, o discurso direto apresenta verbos no presente do modo indicativo, que, na transposição para o discurso indireto, passam para o pretérito imperfeito do mesmo modo.

Leia os textos.

Texto I

*Devo acrescentar que Marx nunca poderia ter suposto que o capitalismo preparava o caminho para a libertação humana se tivesse olhado sua história do ponto de vista das mulheres. Essa história ensina que, mesmo quando os homens alcançaram certo grau de liberdade formal, as mulheres sempre foram tratadas como seres socialmente inferiores, exploradas de modo similar às formas de escravidão. “Mulheres”, então, no contexto deste livro, significa não somente uma história oculta que necessita se fazer visível, mas também uma forma particular de exploração e, portanto, uma perspectiva especial a partir da qual se deve reconsiderar a história das relações capitalistas.*

FEDERICI, Silvia, **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. S.l.: Elefante, 2017.

Texto II

*Em todas as épocas sociais, o tempo necessário para produzir os meios de subsistência interessou necessariamente aos homens, embora de modo desigual, de acordo com o estágio de desenvolvimento da civilização.*

MARX, Karl, **O capital**. São Paulo: Boitempo, 2017.

- a) Existe diferença de sentido no emprego da palavra “homens” em cada um dos textos? Justifique.
- b) Explique o uso das aspas em “Mulheres”, no texto I.

#### **Resolução**

- a) **No texto I, “homens” foi empregado como pessoas do gênero masculino em oposição a “mulheres”. No texto II, “homens” foi empregado com sentido de humanidade.**
- b) **As aspas foram usadas para destacar o significado atribuído à palavra “mulheres” que, segundo o autor, foi empregada no capitalismo como indicadora de seres “socialmente inferiores”.**

*Meu caro amigo eu bem queria lhe escrever  
Mas o correio andou arisco  
Se me permitem, vou tentar lhe remeter  
Notícias frescas nesse disco  
Aqui na terra tão jogando futebol  
Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll  
Uns dias chove, noutros dias bate sol  
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta  
A Marieta manda um beijo para os seus  
Um beijo na família, na Cecília e nas crianças  
O Francis aproveita pra também mandar lembranças  
A todo pessoal  
Adeus*

*Meu caro amigo.* Chico Buarque e Francis Hime, 1976.

- a) Levando em conta o período histórico em que a letra da música foi composta, justifique o uso do plural no terceiro verso.
- b) A letra da canção apresenta características de qual gênero discursivo? Aponte duas dessas características.

#### **Resolução**

- a) O 3.º verso apresenta o verbo *permitir* (“permi-tem”), com sujeito indeterminado, referindo-se aos censores, que, na época da ditadura militar eram encarregados de analisar as produções artísticas, antes de sua divulgação, a partir de critérios políticos e ideológicos do regime militar.
- b) O texto apresenta características do gênero epistolar (carta), apesar de ser uma letra de música, que comenta a dificuldade de se comunicar com o amigo em razão da censura prévia (“o correio andou arisco”). Pode-se classificá-la como carta-canção, considerando que há um remetente (o próprio autor) e um destinatário (“meu caro amigo”). A comprovação do gênero epistolar encontra-se na estrutura da canção: o uso de vocativo (“meu caro amigo”) e a despedida (“Um beijo na família, na Cecília e nas crianças”, “Adeus”).

Leia o texto.

Tio Ben cravou pouco antes de falecer: “grandes poderes nunca vêm sozinhos”. E não há responsabilidade maior do que tirar a vida de alguém. Isso, no entanto, não significa que super-heróis tenham a ficha completamente limpa. Na verdade, uma olhada mais atenta nos filmes sobre os personagens confirma uma teoria não tão inocente – a grande maioria deles é homicida.

Foi pensando nisso que um usuário do Reddit, identificado como TOM95, resolveu planilhar os assassinatos que acontecem nos filmes da Marvel. Nos 20 longas, que saíram nos últimos 10 anos, foram 65 mortes – e 20 delas deixaram sangue nas mãos dos mocinhos.

Vale dizer que o usuário contabilizou apenas mortes relevantes à história: só entraram na planilha vítimas que tinham, pelo menos, nome antes de baterem as botas. Nada de figurantes ou bonecos criados em computação gráfica só para dar volume a uma tragédia. Ficaram de fora, por exemplo, as centenas que morreram durante a batalha de Wakanda, em “Vingadores: Guerra Infinita”, ou a cena de “Guardiões da Galáxia” que se consagrou como o maior massacre da história do cinema.

<https://super.abril.com.br/cultura/quantosassassinatoscadaheroieviladamarvelcometeunoscinemas>. Adaptado.

- a) Qual o sentido das palavras “cravou” e “planilhar” destacadas no texto e qual o efeito que elas produzem?
- b) Substitua os dois pontos do trecho “Vale dizer que o usuário contabilizou apenas mortes relevantes à história: só entraram na planilha vítimas que tinham, pelo menos, nome antes de baterem as botas” por uma conjunção e indique qual a relação de sentido estabelecida por ela.

### Resolução

- a) O verbo “cravar” indica, no contexto, “afirmar categoricamente”; o verbo “planilhar” tem o sentido de “organizar dados de maneira padronizada”. O primeiro apresenta uma constatação de que os super-heróis, para atingir seu objetivo, acabam provocando também a morte de inocentes. O segundo comprova essa ideia, por meio de um levantamento de dados numéricos feito com 20 longas de super-heróis.
- b) Os dois pontos introduzem uma explicação sobre a condição que TOM95 leva em conta para que uma morte seja considerada relevante na Saga Vingadores: ter-se abatido sobre uma personagem que tenha nome. Dessa forma, esse sinal de pontuação pode ser substituído por uma conjunção explicativa como *pois*, *porque*.

# 7

Os trechos seguintes foram extraídos do texto “Casas de cômodos”, que consiste em um apanhado de impressões recolhidas pelo escritor Aluísio Azevedo. Leia-os para responder às questões.

I. *Há no Rio de Janeiro, entre os que não trabalham e conseguem sem base pecuniária fazer pecúlio e até enriquecer, um tipo digno de estudo – é o “dono de casa de cômodos”; mais curioso e mais completo no gênero que o “dono de casa de jogo”, pois este ao menos representa o capital da sua banca, suscetível de ir à glória, ao passo que o outro nenhum capital representa, nem arrisca, ficando, além de tudo, isento da pecha de mal procedido.*

*Quase sempre forasteiro, exercia dantes um ofício na pátria que deixou para vir tentar fortuna no Brasil; mas, percebendo que aqui a especulação velhaca produz muito mais do que o trabalho honesto, tratou logo de esconder as ferramentas do ofício e de fariscar os meios de, sem nada fazer, fazer dinheiro.*

II. (...) *há sempre uma quitandeira de quem o dono da casa de cômodos, começando por merecer a simpatia, acaba por conquistar a confiança e o amor. Juntam-se e, quando ela dá por si, está cozinhando e lavando para todos os hóspedes do eleito do seu coração, sem outros vencimentos além das carícias, que lhe dá o amado sócio.*

*Assim chega a empresa ao seu completo desenvolvimento, e o dono da casa de pensão começa a ganhar em grosso, acumulando forte, sem trabalhar nunca, nem empregar capital próprio, até que um dia, farto de aturar o Brasil, passa com luvas o estabelecimento e retira-se para a pátria, deixando, naturalmente também com luvas, a preciosa quitandeira ao seu substituto.*

Aluísio Azevedo, **Casas de cômodos**.

- a) Que recurso da estética naturalista surge já no início das notas, feitas em razão do cotidiano nacional da época? Justifique.
- b) Para o leitor de *O Cortiço*, salta à vista o aproveitamento que Aluísio Azevedo fez de parte dessas impressões ao conceber a relação entre João Romão e Bertoleza. Há também, contudo, diferenças relevantes. Qual o fator que, central na sociedade brasileira do século XIX, acentua o tom perverso do final do romance? Justifique com base no enredo.



### **Resolução**

- a) No texto “Casa de Cômodos”, a presença da expressão “um tipo digno de estudo” remete a um recurso da estética naturalista denominado Cientificismo, isto é, a apropriação das teorias científicas da segunda metade do século XIX, como o Determinismo, de Hippolyte Taine, entre outras, para, assim, se fazer uma análise literária imparcial da realidade social, privilegiando-se o estudo das condições de vida do proletariado.
- b) O fator central da sociedade brasileira do século XIX que acentua o desfecho trágico é o escravagismo. Diferentemente do que é afirmado por Aluísio Azevedo em Casas de cômodos, no romance *O Cortiço*, a quitandeira Bertoleza, escrava que se crê livre por ter comprado a alforria, não é “passada com luvas” para um substituto do dono da casa de cômodos. Bertoleza ao saber do logro praticado por João Romão, que falsificara a carta de alforria, prefere o suicídio a voltar ao antigo proprietário na condição de escrava.

Considere os seguintes trechos do romance *A Relíquia*.

- I. *E agora, para que cada um esteja prevenido e possa fazer as orações que mais lhe calharem, devo dizer o que é a relíquia...*

(...)

*Esmagada, com um rouco gemido, a Titi aluiu\* sobre o caixote, enlaçandoo nos braços trêmulos... Mas o Margaride coçava pensativamente o queixo austero, Justino sumirase na profundidade dos seus colarinhos, e o ladino\*\* Negrão escancarava para mim uma bocaça negra, de onde saía assombro e indignação!*

\*desabou; \*\* espertalhão.

- II. *(...) a Titi tomou o embrulho, fez mesura aos santos, colocou sobre o altar, devotamente desatou o nó do nastro\* vermelho; depois, com o cuidado de quem teme magoar um corpo divino, foi desfazendo uma a uma as dobras do papel pardo... Uma brancura de linho apareceu...*

\*fita

- III. *As relíquias eram valores! Tinham a qualidade onipotente de valores!*

Eça de Queirós, *A Relíquia*.

- a) As passagens acima são revelações de diferentes objetos, todos eles contemplados no romance como relíquias. Explícite a que objetos cada um dos trechos se refere.
- b) No último parágrafo do romance, Teodorico reflete: “... houve um momento em que me faltou esse descarado heroísmo de afirmar, que, batendo na terra com pé forte, ou palidamente elevando os olhos ao céu – cria, através da universal ilusão, ciências e religiões”. Qual dos três excertos melhor se aplica à reflexão de Teodorico? Justifique.

### Resolução

- a) **O primeiro trecho refere-se ao momento em que Teodorico vai abrir o caixote que trouxe de Jerusalém, contendo a relíquia para a tia Patrocínio das Neves. Nesse instante da narrativa, o sobrinho ainda não sabe que os pacotes, um com a pretensa coroa de espinhos da crucificação de Cristo e o outro com a camisola de Miss Mary, foram trocados. Portanto, ao anunciar a abertura do caixote, Teodorico crê que dentro dele está o objeto forjado como sagrado. No segundo trecho, a “brancura de linho” que surge de dentro do embrulho é a camisola de Miss Mary e, finalmente, no terceiro fragmento, há referência a quaisquer objetos produzidos e comercializados**

que a impostura de quem vende e a credulidade de quem compra transformam em relíquias. Esse objetos ganham, assim, “a qualidade onipotente de valores”.

- b) O segundo excerto, em que surge do pacote a camisola de Miss Mary, aplica-se à reflexão de Teodorico. A camisola é a prova indubitável das relaxações sexuais do protagonista durante a viagem para Jerusalém. No desfecho do romance, Teodorico arrepende-se de ter-lhe faltado o “descarado heroísmo de afirmar” que a camisola teria sido um presente que Maria Madalena tinha-lhe dado no deserto, sendo as iniciais M. M. referentes ao nome dessa personagem bíblica. Se Raposo tivesse mentido mais uma vez, a simples camisola ganharia a condição de relíquia sagrada e Teodorico não teria sido deserdado pela tia Patrocínio. Assim, o protagonista conclui que a mentira dita com convicção cria o fetiche religioso.

Considere os textos para responder às questões.

*Cap. XI O menino é pai do homem*

*Sim, meu pai adoravame. Tinha esse amor sem mérito, que é um simples e forte impulso da carne; amor que a razão não contrasta nem rege. Minha mãe era uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração, assaz crédula, sinceramente piedosa, caseira, apesar de bonita, e modesta, apesar de abastada; temente às trovoadas e ao marido. O marido era na Terra o seu deus. Da colaboração dessas duas criaturas nasceu a minha educação, que, se tinha alguma coisa boa, era no geral viciosa, incompleta, e, em partes, negativa.*

Machado de Assis, **Memórias Póstumas de Brás Cubas**.

*Quarta-feira, 10 de julho.*

*Meu pai é muito querido na família. Todos gostam dele e dizem que é muito bom marido e um homem muito bom. Eu gosto muito disso, mas fico admirada de todo mundo só falar que meu pai é bom marido e nunca ninguém dizer que mamãe é boa mulher. No entanto, no fundo do meu coração, eu acho que só Nossa Senhora pode ser melhor que mamãe.*

Helena Morley, **Minha vida de menina**.

- Os trechos acima se assemelham por serem retratos dos pais realizados por seus filhos: no primeiro deles, o menino Brás Cubas; no segundo, a pequena Helena. Você concorda com essa afirmação? Justifique sua resposta com base nos tempos verbais e na linguagem empregada em cada um deles.
- Nos trechos acima, as expressões “O marido era na Terra o seu deus” e “só Nossa Senhora pode ser melhor que mamãe” dão, respectivamente, exemplos de duas formas contrastantes de organização familiar, o patriarcado e o matriarcado. Você concorda com essa afirmação? Justifique sua resposta com base em ambas as passagens.

**Resolução**

- A afirmação é falsa em relação ao romance machadiano, pois o narrador é um defunto autor, que relembra no túmulo a trajetória existencial. Quanto ao diário *Minha vida de menina*, a afirmação é verdadeira, pois a diarista relata os fatos enunciados na própria adolescência, abrangendo a idade dos treze aos quinze anos. Conclui-se que a análise comparativa apresentada pela questão é parcialmente correta. De fato, os dois textos, extraídos de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Minha Vida de Menina*, são comentários que filhos fazem de seus pais. Além

disso, a segunda obra, diário de uma adolescente, relata fatos no frescor do momento, ou seja, recém-acontecidos, o que se percebe pelo uso de verbos no presente (*é, gostam, gosto, fico*). Outra prova da idade juvenil da enunciativa é a sua linguagem simples, marcada por orações curtas, principalmente coordenadas, e um período simples, adotando, assim, um estilo próximo da linguagem corrente. Frise-se ainda que o romance machadiano é memorialista, portanto as ocorrências narradas pertencem a um passado distante na vida do enunciador, morto aos 64 anos, como se nota no emprego de verbos no pretérito imperfeito do indicativo, como *adorava-me, era, tinha*. Ademais, a linguagem empregada é extremamente elaborada, revelando maturidade do seu autor. É o que se nota no trabalho constante com jogos sofisticados de ideias não só no contraste entre “pouco cérebro” e “muito coração”, ser “caseira”, apesar de “bonita”, “modesta, apesar de abastada”; mas também na associação inusitada entre temer as trovoadas e temer o marido. Dessa forma, seu enunciador não poderia ser um menino.

- b) A aproximação feita entre temer a Deus e o marido revela uma vinculação ao patriarcalismo, modo de vida que coloca o homem – na figura do pai – como centro de poder da família e da sociedade. No entanto, a associação que Helena Morley faz entre a mãe Carolina e Nossa Senhora não evidencia o matriarcado, sistema que coloca a mulher – na figura da mãe – como centro do poder familiar e social. Apesar de o núcleo de personagens de *Minha Vida de Menina* ser predominantemente feminino, como se nota na extensa referência a tias e primas, o comportamento do meio social em que Helena está inserida não apresenta traços matriarcais. Até D. Teodora, proprietária rural que concentra certo poder, é, na verdade, viúva e herdeira de seu marido e controlada economicamente por seu filho. Além disso, a diarista relata no trecho em análise o pouco ou quase nenhum valor que dão à sua mãe, ao contrário do que ocorre com o pai, muito bem conceituado. Portanto, não se estabelece nos dois trechos um contraste entre patriarcado e matriarcado.

– *Eu acho que nós, bois, – Dançador diz, com baba – assim como os cachorros, as pedras, as árvores, somos pessoas soltas, com beiradas, começo e fim. O homem, não: o homem pode se ajuntar com as coisas, se encostar nelas, crescer, mudar de forma e de jeito... O homem tem partes mágicas... São as mãos... Eu sei...*

João Guimarães Rosa, “Conversa de bois”. **Sagarana.**

### **Um boi vê os homens**

*Tão delicados (mais que um arbusto) e correm e correm de um para o outro lado, sempre esquecidos de alguma coisa. Certamente faltalhes não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves, até sinistros. Coitados, dirseia não escutam nem o canto do ar nem os segredos do feno, como também parecem não enxergar o que é visível e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes e no rasto da tristeza chegam à crueldade.*  
(...)

Carlos Drummond de Andrade, “Um boi vê os homens”.

**Claro enigma.**

- Em ambos os textos, o assombro de quem vê decorre das avaliações contrastantes sobre quem é visto. Justifique essa afirmação com base em cada um dos textos.
- O conto de Rosa e o poema de Drummond valem-se de uma mesma figura de linguagem. Explícite essa figura e justifique sua resposta.

### **Resolução**

- No excerto de *Conversa de Bois*, a análise feita pelo boi Dançador observa contrastes no ser humano, que pode tanto se “ajuntar com as coisas”, como também é capaz de “mudar de forma”. O homem é um ser que não tem constância, transforma-se magicamente.

Nos versos de *Um boi vê os homens*, o eu lírico observa vários contrastes nos seres humanos, que são “Tão delicados (mais que um um arbusto)” mas, em compensação, são “graves e até sinistros”. Além disso, apesar de os homens apresentarem-se “nobres”, “chegam à crueldade” quando ficam tristes.

- Tanto no excerto do conto, como nos versos do poema, os autores valem-se da prosopopeia ou personificação, figura de linguagem em que se

transferem sentimentos, pensamentos e atitudes humanas a animais ou objetos. Ambos os textos personificam os bois, já a partir dos títulos: “Conversa de bois” e “Um boi vê os homens”. Os animais põem-se a analisar os seres humanos, como exemplificam as passagens, entre outras, “O homem tem partes mágicas...” (Rosa); “Tão delicados (mais que um arbusto)...” (Drummond).

# REDAÇÃO

Leia os textos para fazer sua redação.

*O progresso, longe de consistir em mudança, depende da capacidade de retenção. Quando a mudança é absoluta, não permanece coisa alguma a ser melhorada e nenhuma direção é estabelecida para um possível aperfeiçoamento; e quando a experiência não é retida, a infância é perpétua.*

George Santayana, **A vida da razão**, 1905, Vol. I, Cap. XII.

Adaptado.

*O Historiador*

*Veio para ressuscitar o tempo  
e escarpelar os mortos,  
as condecorações, as liturgias, as espadas,  
o espectro das fazendas submergidas,  
o muro de pedra entre membros da família,  
o ardido queixume das solteironas,  
os negócios de trapaça, as ilusões jamais confirmadas  
nem desfeitas.*

*Veio para contar*

*o que não faz jus a ser glorificado  
e se deposita, grânulo,  
no poço vazio da memória.*

*É importuno,  
sabese importuno e insiste,  
rancoroso, fiel.*

Carlos Drummond de Andrade, **A paixão medida**, 1981.



*Essa escultura de um garoto negro foi esculpida no tamanho real de uma criança, com seus cabelos crespos, seu nariz largo, sua boca marcada. A criança segura uma lata por sobre sua cabeça, de onde escorre uma tinta branca sobre seu corpo feito de bronze.*

Nexo Jornal, 13/07/2018.

Flávio Cerqueira, **Amnésia**, 2015.

*A minha vontade, com a raiva que todos estamos sentindo, é deixar aquela ruína [o Museu Nacional depois do incêndio] como memento mori, como memória dos mortos, das coisas mortas, dos povos mortos, dos*



*arquivos mortos, destruídos nesse incêndio. Eu não construiria nada naquele lugar. E, sobretudo, não tentaria esconder, apagar esse evento, fingindo que nada aconteceu e tentando colocar ali um prédio moderno, um museu digital, um museu da Internet – não duvido nada que surjam com essa ideia. Gostaria que aquilo permanecesse em cinzas, em ruínas, apenas com a fachada de pé, para que todos vissem e se lembrassem. Um memorial.*

Eduardo Viveiros de Castro, **Público.pt**, 04/09/2018.

*Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriarse de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.*

Walter Benjamin, **Sobre o conceito de história**, 1940.

Considerando as ideias apresentadas nos textos e também outras informações que julgar pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema: **De que maneira o passado contribui para a compreensão do presente?**

**Instruções:**

- A dissertação deve ser redigida de acordo com a norma padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível e não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.

**Comentário à proposta de Redação**

A Banca Examinadora propôs a seguinte questão: **De que maneira o passado contribui para a compreensão do presente? Como subsídios à produção textual do candidato, ofereceram-se cinco textos: o primeiro, de George Santayana, condicionava o progresso a um possível aperfeiçoamento da “capacidade de retenção”, ou seja, a experiência seria imprescindível para que a infância fosse deixada para trás. Já no segundo texto, Carlos Drummond poetizava sobre o papel do historiador: “ressuscitar o tempo”, resgatar tanto os fatos dignos de serem registrados quanto aqueles que não fariam jus à glorificação. O terceiro texto apresentava a imagem de uma escultura que reproduzia o tamanho real de uma criança tipicamente negra derramando sobre a cabeça uma tinta branca – tentativa de embranquecimento talvez justificada pelo repúdio à própria cor. No quarto texto, Eduardo Viveiros de Castro, revoltado com o descaso que teria resultado no incêndio do Museu Nacional do Rio de Janeiro, preferia que nada fosse construído “naquele lugar”, que permanecesse “apenas com a fachada de pé”, a fim de que “todos vissem e se lembrassem”. No último texto, o filósofo Walter Benjamin defendia a**

importância de “articular historicamente o passado”, encarado como “uma reminiscência” que poderia iluminar a compreensão de determinadas circunstâncias ameaçadoras.

A leitura atenta dos textos oferecidos deve ter levado o candidato a reconhecer a importância do passado não apenas como forma de compreender o presente, mas também de com ele aprender, seja para reproduzi-lo, seja para jamais repeti-lo. Para ilustrar seu ponto de vista, seria apropriado valer-se de algumas informações retiradas tanto dos textos de apoio quanto do próprio repertório cultural. No primeiro caso, o reconhecimento do racismo como um fato que teria origem no período escravocrata poderia ser útil para alertar a sociedade contemporânea sobre a persistência de um estigma que ainda colocaria os negros sob constante discriminação. Ignorar o passado impediria, assim, o verdadeiro resgate da liberdade e da dignidade dos afrodescendentes. Sob outro aspecto, a própria lembrança dos anos de chumbo, nos quais inúmeros cidadãos foram alijados de seus direitos, representaria uma forma de evitar a repetição de uma era marcada pela censura e pela tortura, quando não por assassinatos. Outra abordagem possível seria relativa à importância de se preservar o patrimônio histórico de um país, algo que no caso do Brasil estaria longe de ocorrer. Caberia mencionar os imensos prejuízos decorrentes da indiferença dos órgãos competentes com espaços dedicados à conservação do acervo histórico.

Na conclusão de seu texto, o vestibulando poderia reiterar a relevância da memória como forma de aperfeiçoamento de uma sociedade.